

CORPOS EM EVIDÊNCIA: CENAS CORPÓREAS ANTROPOMORFAS RUPESTRES EM SÃO RAIMUNDO NONATO (PI)

MICHEL JUSTAMAND*

Resumo: O artigo propõe uma reflexão sobre os corpos em evidência nas cenas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara em São Raimundo Nonato, no Estado do Piauí (PI). Trata-se de cenas que mostram a diversidade de corpos pintados nas rochas piauienses em tempos imemoriais pelos primeiros grupos humanos do Brasil. Este trabalho dialoga com os corpos em evidência no mundo de ontem e de hoje, desde os tempos dos egípcios até os modernos meios de transformação dos corpos nas sociedades pós-modernas.

Palavras-chave: São Raimundo Nonato (PI); Pinturas rupestres; Corpos.

***Abstract:** The article proposes a reflection on the bodies that we can find on evidence in the rupestrian scenes of the National Park of Capivara in Sao RaimundoNonato, Piauí (PI). Those scenes show the diversity of bodies painted on rocks of Piauí dated from immemorial times by early human groups from Brazil. This work dialogues to the bodies in evidence in the world of yesterday and today, since*

* Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP e membro do Núcleo de Estudos de História Social da Cidade (NEHSC). Professor Efetivo da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Colaborador dos programas de pós-graduação: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAM e Programa de Pós-Graduação de Estudos Amazônicos da Universidade Nacional da Colômbia (UNAL) – sede Leticia. E-mail: <micheljustamand@yahoo.com.br>.

the time of the egyptians to the modern means of transformation of bodies in postmodern societies.

Key-words: *São Raimundo Nonato (PI); Rupestrian paintings; Bodies.*

Para iniciar a discussão: corpos evidentes pelo mundo

Atualmente, o corpo humano tem ganhado muita evidência e, em alguns casos, sobressaído em relação ao cérebro. Isso tem ocorrido nos mais diversos espaços de comunicação social. Mas a valorização exercida pelo corpo na história humana vem de milhares de anos. Para Luciana Gandolfo, o corpo acumulou uma história biológica, mecânica, psíquica e cultural.¹ É a cultural a que nos interessa neste artigo, especialmente aquela ligada às produções da cultura visual ancestral por meio dos vestígios arqueológicos. Gandolfo aponta também que o corpo é sensível, tecnológico, tem suas percepções e se sintoniza com as solicitações atuais.² Acrescentamos que também se sintoniza com as solicitações dos grupos ancestrais aos quais está vinculado.

Desde quando se tem notícia, ou desde os gregos e romanos, somente para citar a história ocidental, o corpo tem sido reverenciado ou tem expostas suas sutilezas. E, em outros recantos do mundo, aspectos relacionados aos corpos também são vistos. Então,

¹ GANDOLFO, Luciana. Arqueologia do corpo e do movimento. In: CALLIA, Marcos; OLIVEIRA, Marcos Fleury (Orgs.). *Terra Brasilis: pré-história e arqueologia da psique*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 253.

² GANDOLFO, op. cit., 2006, p. 253.

desde a aurora dos tempos, o corpo é construído. Na longa trajetória humana, saindo da África em direção às Américas e chegando ao Brasil, local onde estão as cenas rupestres que apresentaremos. Cenas que compõem um cabedal de conhecimento ancestral em terras tupiniquins, em especial as pinturas rupestres localizadas no Parque Nacional Serra da Capivara – PARNA, em São Raimundo Nonato, no Piauí (PI).

Um dos temas na discussão sobre os corpos é a questão dos corpos masculinos e dos femininos. Em tempos mais recentes, nos séculos da modernidade europeia, o corpo feminino era visto como inferior e de segunda categoria. As mulheres eram uma versão inferior do sexo masculino. Segundo a ótica médica europeia da época, o corpo feminino era imperfeito por ter a genitália interiorizada, lembra Messeder.³ Não mostrar o sexo biológico de nascença era o mesmo que ser menos. As mulheres não tinham como mostrar o seu “sexo”.

Outro aspecto são os usos destes corpos. Há aqueles que acreditam no humano como se fosse uma máquina, como o título do livro organizado por Aduino Novaes, obra que trata da manipulação

³ MESSEDER, Suely Aldir; MARTINS, Marco Antonio Matos; MIRANDA, Amanaiara Conceição de Santana. Gênero está para corpos masculinos e femininos, assim como sexualidades está para homossexualidade. abjeções: uma breve reflexão a partir das representações das sexualidades elaboradas pelos professores(as) da rede metropolitana de Salvador. In: MESSEDER, Suely Aldir; MARTINS, Marco Antonio Matos (Orgs.). *Enlaçando sexualidades*. Salvador: EDUNEB, 2011, v. 1, p. 56.

do corpo exercida pela ciência.⁴ Sérgio Paulo Rouanet, baseado na teoria de Julien Offray de La Mettrie, descreve que os humanos não poderiam ser livres se estivessem sujeitos a vontades externas aos seus corpos.⁵ Ambos contestam a ideia propagada pela religiosidade cristã, que acredita que somos filhos de Deus e, por isso, sujeitos à vontade da divindade. Para estes autores e teóricos, somos como máquinas autorreguláveis. Um relógio que dá suas próprias cordas e não necessita de controles. Neste sentido, seríamos humanos em forma de máquinas autônomas e autorreguláveis, sem necessidade de imposturas externas.

Atualmente, em diversos meios, constatamos que no modo de ver, pensar e agir da sociedade, o corpo se mostra em evidência, seja na discussão sexual, esportiva, cultural ou social. Na discussão sexual, especialmente, hoje se tem mais claro que há uma enormidade de formas de usar, sentir, optar, controlar, punir e vigiar os corpos em nossa sociedade globalizada. No início do século XX, culturas como a alemã e outras do ocidente, vencedor colonizador, adotaram a valorização e a evidenciação dos corpos nas suas “empresas” de conquista de outros corpos e mentes pelo mundo. Mais recentemente, as sucessivas campanhas esportivas, de comportamentos alimentares e sociais, ditam quais são os formatos dos corpos e as

⁴ NOVAES, Adauto (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

⁵ ROUANET, Sérgio Paulo. O homem máquina hoje. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 41.

posturas mais adequadas à vida neste mundo da pós-modernidade, se é que este momento histórico existe.

Os corpos são supervalorizados e postos em evidência nas guerras também. Há muitos exemplos atuais e de outros tempos históricos onde os corpos são modelados para esse fim: difundir quais são os mais indicados para “salvar” a nação, o grupo, a ideologia ou, ainda, o mundo, conforme todas as campanhas militares dos Estados Unidos da América nas quais constatamos como seus soldados – os “marines” – e seus corpos estão em evidência em nossas telas de cinema e em nossas casas quase todos os dias.

Outra perspectiva discutida por alguns teóricos e entusiastas é a ideia de que é possível, mesmo num futuro longínquo, que o corpo seja reincorporado no sistema mundo depois da morte. Para isso, propõem manter os corpos em evidência nos “meios virtuais”, ao menos em suas essências mentais, esperando que a dita ciência computacional, por exemplo, possa tratar de seus males e recuperar sua vida, lembra David Le Breton. Ele salienta, em seu texto, que esse modo de pensar sobre o corpo se defronta com questões éticas presentes nos debates atuais da Antropologia e da vida no planeta.⁶

Le Breton comenta que alguns autores indicam a saída por meio dessa vida virtual, na qual as pessoas guardam suas formas de pensar e agir, utilizando as novas tecnologias à disposição para,

⁶ BRETON, David Le. Adeus ao corpo. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 124-136.

quem sabe, se livrar dos corpos e da carne e, assim, continuar se perpetuando *ad infinitum* na rede mundial, preferencialmente, perpetuando suas ideias e propostas ideológicas. Este mundo faz parte da esfera do imaginário, um apanágio onde muitos guardam expectativas de um possível espaço alternativo de vida, inclusive sem corpos físicos, mas com corpos em evidência.

Outra discussão é com relação ao “parecer algo que não se é”. No presente momento histórico, os corpos parecem algo que nem sempre são, mas para muitos é o parecer o que importa. Para estes, o parecer com algo está além do ser e, mais do que se possa pensar, até do ter. Ser – e se tornar – narcisista é o padrão mais aceito na contemporaneidade. O corpo, afinal de contas, pode ser manipulado ao bel prazer dos seus “donos”, especialmente dos que têm condições para tal empreitada. O corpo pode se tornar o que o dono quiser, desde que esteja na moda ditada pelos interesses das grandes marcas industrializadas e apareça na mídia.⁷ Desde que seja vendável!

Acreditamos que é possível, desde milhares de anos até os dias atuais, que os humanos sempre tiveram outras formas de usar seus corpos e, por isso, independentemente de nascerem biologicamente com uma “normativa” sexual, socialmente podem ou puderam usar outra.

⁷ SANTOS, Patrícia Nogueira Caldas. A influência dos modelos corporais contemporâneos na subjetivação do corpo: um estudo teórico. In: *Seminário Enlaçando Sexualidades. Caderno de resumos do II Seminário Enlaçando Sexualidades*. Salvador: EDUNEB, 2011, p. 134.

Outra discussão é a relação dos corpos em evidência com o sexo e com a sexualidade. Parece-nos que nessas épocas ancestrais foi permitido, sem maiores preconceitos, que homens biologicamente constituídos tivessem atitudes femininas, e vice-versa.⁸

A genitália de nascimento não impediria de termos tido, nesse período histórico ancestral, corpos que se relacionassem de maneiras não esperadas pela sociedade, em termos biológicos. Inúmeras imagens rupestres permitem-nos supor que existiram “bons relacionamentos” entre indivíduos excitados coletivamente, excitados e de mãos dadas, ou ainda, muitos corpos humanos masculinizados e excitados em rituais coletivos.

Para Gandolfo, esses corpos humanos que se veem e se descobrem continuam a se adaptar aos meios e à natureza⁹, à urbanidade e à pulsação dos vários ritmos de vida da cidade, da floresta, da periferia, da aldeia, do quilombo, da favela, da comunidade. Para a autora, os corpos em evidência fazem movimentos graciosos e, com suas formas, parecem ser cenas de dança similares às observadas em muitas pinturas rupestres.¹⁰

Outra questão são os enterramentos promovidos pelos corpos “poderosos” em momentos históricos nos quais prevaleciam formas de pensar diferentes das de hoje. No Egito Antigo, por exemplo, era costume nas “grandes obras” – como os enterramentos dos “grandes

⁸ SANTOS, Ailton da Silva. Os homens, as mulheres e os outros: reflexões sobre a construção da masculinidade e a feminilidade nos corpos. In: *Seminário Enlaçando Sexualidades. Caderno de resumos do II Seminário Enlaçando Sexualidades*. Salvador: EDUNEB, 2011, p. 129.

⁹ GANDOLFO, op. cit., 2006, p. 254.

¹⁰ GANDOLFO, op. cit., 2006, p. 256.

nobres faraós” – enterrarem também os seus descendentes que estavam inscritos nas paredes e nos espaços dedicados aos seus “túmulos”, assim como uma série de corpos evidentes de outros humanos, “seus seguidores e/ou escravos”. Hoje, graças aos vestígios arqueológicos encontrados na China Antiga, sabemos que muitos soldados foram “enterrados” para a posteridade, provavelmente contra suas vontades, de forma quase intacta e guardando suas especificidades corporais individuais e suas indumentárias especiais, que também foram conservadas.

Num período histórico mais remoto, mulheres foram esculpidas e tiveram seus corpos postos em evidência. Essas esculturas evidenciam e exaltam corpos femininos de forma diferente do que estamos acostumados a ver hoje: representavam mulheres grávidas, muitas espalhadas em uma faixa significativa do continente europeu.¹¹ Parece-nos que tais esculturas são sinais de preocupações com o corpo e com as condições destes corpos há milhares de anos. Podem ser também sinais de que esses corpos evidentes esculpidos tinham valor dentro dos grupos.

¹¹ Os autores advogam que os corpos esculpidos são de mulheres gordas, com seios grandes e nádegas enormes. Estavam grávidas e deram a vida. E ainda alimentavam seus filhos. Ver em: MILDNER, Saul Eduardo Seiguer; POHL, Eva Carmem Ribas; NOBRE, Chimene Kuhn. *Arte, pré-história e arqueologia no Brasil central*. Santa Maria: LEPA – Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da UFSM – Universidade Federal de Santa Maria, 2006, p. 49. Sobre formas de mulheres esculpidas em pedra ver também ROCHA, Patrícia. *Mulheres vistas sob todas as formas: a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado*. Belo Horizonte: Leitura, 2009, p. 42-45.

Patrícia Rocha considera que era de responsabilidade das mulheres a procriação e, por esse motivo, dominavam politicamente muitos grupos humanos. Exerciam realmente uma liderança sociocultural e política. A maternidade era uma prioridade com objetivo de povoar o mundo e mostrar que estaria à disposição naquele período, preocupação que também encontramos entre os primeiros habitantes do Brasil, humanos que construíram outra história nessa terra, inclusive das relações de seus corpos em evidência com o meio ambiente.¹² Muitos desses corpos evidentes estão plasmados nas rochas do PARNA. Feitos de diversas formas, com muitas cores e de muitos tamanhos, mostram suas relações sociais cotidianas e constituem uma memória viva dos corpos em evidência no país e, também, um manual de consultas da História do Brasil pré-cabraliana.

Os corpos vistos no Brasil de ontem: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato (PI): discussão e definições

Na História do Brasil Antigo, muitos achados arqueológicos comprovam a descrição dos corpos em evidência dos primeiros habitantes do território de norte a sul e de leste a oeste. Dentre esses achados, encontram-se as pinturas rupestres e suas cenas com uma infinidade de corpos antropomorfos. Suas sensibilidades e seus tons. Suas sutilezas e belezas. Elas estão espalhadas por todos os Estados

¹² ROCHA, op. cit., 2009, p. 42.

do país. No entanto, nem todos os recantos do país oferecem cenas rupestres com definições de corpos. Há algumas que até oferecem, mas são gravuras rupestres que não são o alvo deste artigo. Esse artigo preocupa-se somente em apresentar as cenas rupestres pintadas na região do PARNA.

O PARNA Serra da Capivara tem um potencial rupestre reconhecido nacional e internacionalmente. Ali estão registrados pela Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM), mais de 900 sítios arqueológicos com registros de pinturas rupestres. E como aponta Claudete Maria Miranda Dias,

[...] as pinturas rupestres são testemunhos de uma comunicação social de povos que viveram há mais de 10 mil anos, uma linguagem ou um código que se perderam. Mas, historicamente é possível identificar os elementos de valores artísticos como componentes de uma identidade. O interesse em decifrar estes códigos e sua significação relaciona-se mais com a arqueologia. A História busca então o reconhecimento cultural deste rico patrimônio para elevar a autoestima do piauiense e mantê-lo preservado, e ser fonte de pesquisas e por que não dizer, de atração turística, podendo por isto, ser também fonte de desenvolvimento sustentável das comunidades envolvidas.¹³

A contribuição das pinturas rupestres como formas de linguagens e de testemunhos, inclusive para evidenciar corpos, foi de grande valia para os grupos que em outros tempos transitaram pela região e pelo país. Contribuíam para o desenvolvimento da História grupal

¹³ DIAS, Claudete Maria Miranda. Arqueologia e História: a arte rupestre no contexto da sociedade piauiense. FUMDHAMENTOS IX: Global Rock Art, *Anais do Congresso Internacional de Arte Rupestre IFRAO*. Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí – Brasil. São Raimundo Nonato, 2010.

e para as suas comunicações e seus conhecimentos territoriais. Por serem testemunhos do cotidiano, registraram os fatos que ocorreram em tempos imemoriais, em território tupiniquim, além de nos apresentarem suas identidades sociais. Há muitos corpos antropomorfizados e/ou humanos com indumentárias, vestimentas e atributos, como cocares.

As pinturas rupestres contribuíaam na integração com o meio ambiente indicando locais de bem-estar. Elas contribuíaam, ainda, com as diversas formas de ver, pensar e agir no mundo dos grupos daquele período por serem as representações de suas vidas cotidianas, como afirmado em outras oportunidades.¹⁴

Parece-nos ser importante que se busque o reconhecimento, mais que merecido, da real contribuição das pinturas rupestres para o saber daquele tempo. Saber que foi acumulado e apresentado por meio das cenas rupestres. Busca-se também a demonstração de que houve, sim, História entre os primeiros habitantes do país. História a que poderíamos “outorgar” o nome de História Antiga do Brasil, assim como é a História Antiga de outros locais do mundo. E não mais Pré-História, como se no espaço hoje conhecido como Brasil somente houvesse história pós-colonial. Como se somente houvesse

¹⁴ JUSTAMAND, Michel. *O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – PI*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010. O autor apresenta nessa obras uma série de cenas rupestres agrupadas por temas, tais como: danças, rituais, andanças, sexo, mulheres, entre outras.

história após a conquista dos europeus. Ou dos corpos europeus em evidência sobre as dos primeiros habitantes que aqui se encontravam desde milhares de anos.

Das muitas cenas rupestres que existem com corpos humanizados evidentes, e/ou antropomorfas, pretendemos mostrar as que apresentam sinais femininos e/ou masculinos. Segundo os arqueólogos, nas cenas rupestres da região piauiense, as “mulheres” e/ou o feminino é representado por uma marcação circular embaixo das pernas e, também, algumas vezes, por estarem com os braços para trás.

Anne-Marie Pessis, pesquisadora da região piauiense há anos, chama de cavidade vaginal o círculo feito embaixo das pernas dos antropomorfos femininos. Acrescenta, ainda, que não é o sexo feminino ali representado e, sim, o aparelho sexual receptor do falo masculino. E o sexo masculino é representado pelo falo entre as pernas. Constatamos em diversos sítios arqueológicos e em suas cenas que nem sempre os “sexos” aparecem representados. Assim, as cenas permitem a interpretação de que aquele corpo inscrito na rocha pode pertencer a um ou a outro gênero biológico.

Os estudos empreendidos pela ciência arqueológica, na região, apontam que

[...] por volta de 12-10 mil anos BP, a atividade pictórica nos abrigos sob rocha se intensifica com manifestações de grande riqueza temática que temos chamado de Tradição Nordeste. É importante ressaltar que a tradição Nordeste surge na década de 1970, a partir de estudos restritos aos conjuntos gráficos do Parque Nacional Serra da Capivara.

A partir dessa categoria, foram criadas subtradições que classificamos como núcleos emigrados do núcleo central para outras regiões estabelecidas em áreas com condições ecológicas diferentes, o que implica em aportes novos, em elementos novos que enriqueciam e mudavam a estrutura primitiva da antiga tradição, embora mantendo um núcleo central, um fio condutor.¹⁶

As pinturas em debate aqui se relacionam à Tradição Rupestre conhecida como Nordeste. Essa tradição oferece um cabedal de cenas com humanos de grande envergadura para a demonstração dos corpos em evidência. São cenas das mais variadas ações do cotidiano dos primeiros habitantes do país.

Para Lizete Oliveira, é por meio da

[...] arte Rupestre que podemos nos aproximar do mundo de seus produtores, suas imagens mentais, o meio ambiente em que viviam, seu Umwelt [...]. O Umwelt pode ser definido como o mundo modelo, um mapa cognitivo em que todo animal vive, na sua experiência cotidiana, onde procura alimento, movimenta-se e encontra seu próprio caminho. Sugerimos que a Arte Rupestre pode representar esse mundo modelo, indicando caminhos, as fontes de água, flora, fauna, etc, ou seja, um mapa concreto dos caminhos trilhados pelas sociedades passadas, como se verifica ainda hoje entre muitos indígenas brasileiros ou entre os aborígenes da Austrália.¹⁷

¹⁶ MARTIN, Gabriela; GUIDON, Niède. Difusão e diáspora na arte rupestres do Nordeste do Brasil: a tradição Nordeste. FUMDHAMENTOS IX: Global Rock Art, *Anais do Congresso Internacional de Arte Rupestre IFRAO*. Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí – Brasil. São Raimundo Nonato, 2010.

¹⁷ OLIVEIRA, Lizete Dias de. A arte rupestre como signo: uma abordagem semiótica do fenômeno infocomunicacional. FUMDHAMENTOS IX: Global Rock Art, *Anais do Congresso Internacional de Arte Rupestre IFRAO*. Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí – Brasil. São Raimundo Nonato, 2010.

As artes rupestres e, em especial as pinturas, indicavam os caminhos sociais e territoriais percorridos pelos grupos. E com essa expectativa em mente passamos à apresentação de algumas cenas mais marcantes, segundo nossa ótica, dos corpos em evidência dos primeiros habitantes da região piauiense da Serra da Capivara.

São cenas de relações sociais, de trabalho, de sexo, de excitação, de medo, de rituais, de lutas sociais ou, ainda, de alegria, de zoofilia e de homossexualismo.

Os corpos nas cenas rupestres de São Raimundo Nonato (PI)

Imagem1. PARNA Serra da Capivara (PI).

Cena de Humanos excitados e em relações grupais.

Antropomorfos com cocares.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Imagem 2. PARNA Serra da Capivara (PI).

Cena de humanos com as mãos para cima,
do lado esquerdo da imagem.

Cena de sexo mais ao centro da imagem.

E do lado direito a coleta do mel.



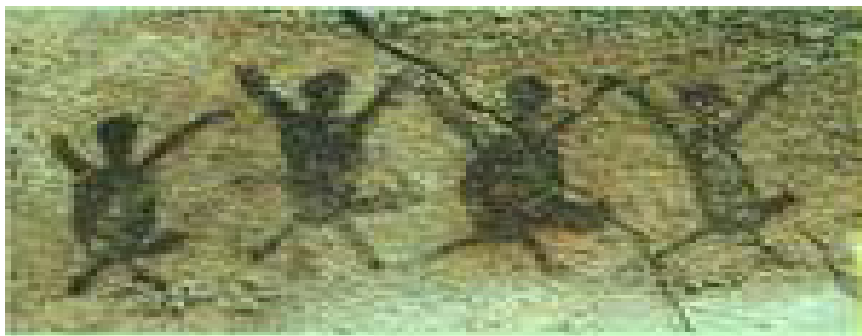
Fonte: Acervo pessoal do autor.

Imagem 3. PARNA Serra da Capivara (PI).
Cena de humanos se protegendo de animais.
Estão em cima de uma imagem de árvore.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Imagem 4. PARNA Serra da Capivara (PI).
Cena dos humanos excitados coletivamente.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Imagem 5. PARNA Serra da Capivara (PI).
Cena do ritual da árvore.
Muitos humanos excitados
em volta de uma imagem de árvore.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Imagem 6. PARNA Serra da Capivara (PI).
Cena de luta social. Corpos em contato social.
Corpos sendo puxados e outros acertados por lanças e/ou flechas.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Imagem 7. PARNA Serra da Capivara (PI).
Cena de corpos humanos relacionando-se com animal.
Zoofilia e, provável, homossexualismo.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Imagem 8. PARNA Serra da Capivara (PI).
Cena de sexo. O feminino na cena de sexo.
O semicírculo abaixo das pernas e as mãos para trás,
enquanto que o masculino, na cena,
está com o falo em direção à vulva.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Imagem 9. PARNA Serra da Capivara (PI).
Cena da alegria coletiva.
Corpos humanos em disposições de dança ou festa.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Conclusão

A questão corporal está instalada em nossas sociedades e no mundo desde a aurora dos tempos. Pensamos e agimos baseados nesses corpos que temos. Mesmo que alguns acreditem que podemos nos livrar dos corpos, e ainda assim fazer história. Nesse artigo, sustentamos que para se fazer História é necessário que tenhamos corpos de carne e osso, como esses que temos hoje. Acreditamos que muitos corpos humanos foram capazes de atravessar montanhas, florestas, mares e rios para chegar a outros espaços em busca

de nossas condições de vida, e inclusive de nossos corpos. Como salientaram alguns autores citados, nossos corpos estão, sim, em constante adaptação na relação necessária com o ambiente.

Nesse artigo, procuramos mostrar que os corpos foram expressos e inscritos nas rochas de São Raimundo Nonato (PI) por diversos motivos. Os pintores rupestres, em muitos casos, fizeram questão de apresentar corpos em suas atividades corriqueiras. Deixaram para as futuras gerações testemunhos de suas histórias e de suas formas de lidar com o mundo que conheciam. Os seus vestígios são capazes de nos impressionar devido à riqueza de temas, que vão do trabalho social à luta, da sexualidade à maternidade. Aparecem também cenas rupestres relacionadas com a alegria de viver com o que tinham à disposição, e com o que sabiam fazer.

Talvez, o maior recado deste artigo seja de que temos muito que aprender com os grupos ancestrais e seus modos de vida. Com suas formas de se relacionar com o meio ambiente e dentro dos grupos. Parece-nos que as pinturas foram fontes de comunicação muito usadas e que testemunham uma série de aprendizados deixados e, especialmente, uma quebra de preconceitos que projeta outras formas de pensar as relações sociais, a sexualidade e a cultura. É preciso prestar mais atenção à vida dos outros e, quem sabe assim, aprender mais com outros corpos em evidência, seja ontem, hoje ou amanhã, na longa história da humanidade.

O Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a união estável entre casais do mesmo sexo.¹⁸ Assim, outras formas de lidar com o corpo socialmente devem ser aceitas por força da Lei maior nacional, como já ocorria com as uniões de casais de sexos biológicos diferentes. Acrescentamos que, provavelmente, tais medidas socio-culturais já eram aceitas sem maiores problemas entre os nossos ancestrais, visto as cenas acima apresentadas: humanos excitados juntos e outros de mãos dadas. Cenas que podem induzir a pensar que formas alternativas de formação de família já foram testadas há milhares de anos em terras tupiniquins. Sejamos contra todas as formas de preconceitos!

Quando tratamos de ser contra todos os tipos de preconceitos que envolvem as relações com o corpo e além do corpo, estamos sob a influência da sociedade étnica zapoteca do México. Lá dizem mais ou menos assim: “que nem isso nem aquilo, senão outra coisa, sempre absolutamente zapoteca, onde cabem ambos e outros mais“, conforme lembra Miano e Gómez.¹⁹ Com isso, mostram que é possível vivermos em harmonia com os diferentes modos de usar os corpos em sociedade e nos espaços íntimos e que, para nós, isso deve ocorrer desde tempos imemoriais.

¹⁸ VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma. *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 2011, p. 22.

¹⁹ MIANO, Marinella; GÓMEZ, Águeda. Géneros, sexualidad y etnia VS globalización. El caso de los muxeloz zapotecos del istmo, OAX. In: MESSEDER, Suely Aldir; MARTINS, Marco Antonio Matos (Orgs.). *Enlaçando sexualidades*. Salvador: EDUNEB, 2011, v. 2, p. 74.

Referências

BRETON, David Le. Adeus ao corpo. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DIAS, Claudete Maria Miranda. Arqueologia e História: a arte rupestre no contexto da sociedade piauiense. FUMDHAMENTOS IX: Global Rock Art, *Anais do Congresso Internacional de Arte Rupestre IFRAO*. Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí – Brasil. São Raimundo Nonato, 2010.

GANDOLFO, Luciana. Arqueologia do corpo e do movimento. In: CALLIA, Marcos; OLIVEIRA, Marcos Fleury (Orgs.). *Terra Brasilis: pré-história e arqueologia da psique*. São Paulo: Paulus, 2006.

JUSTAMAND, Michel. *O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – PI*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

MARTIN, Gabriela; GUIDON, Niède. Difusão e diáspora na arte rupestres do Nordeste do Brasil: a tradição Nordeste. FUMDHAMENTOS IX: Global Rock Art, *Anais do Congresso Internacional de Arte Rupestre IFRAO*. Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí – Brasil. São Raimundo Nonato, 2010.

MESSEDER, Suely Aldir; MARTINS, Marco Antonio Matos; MIRANDA, Amanaiara Conceição de Santana. Gênero está para corpos masculinos e femininos, assim como sexualidades está para homossexualidade. abjeções: uma breve reflexão a partir das representações das sexualidades elaboradas pelos professores(as) da rede metropolitana de Salvador. In: MESSEDER, Suely Aldir;

MARTINS, Marco Antonio Matos (Orgs.). *Enlaçando sexualidades*. Salvador: EDUNEB, 2011, v. 1.

MIANO, Marinella; GÓMEZ, Águeda. Géneros, sexualidad y etnia VS globalización. El caso de los muxelos zapotecos del istmo, OAX. In: MESSEDER, Suely Aldir; MARTINS, Marco Antonio Matos (Orgs.). *Enlaçando sexualidades*. Salvador: EDUNEB, 2011, v. 2.

MILDER, Saul Eduardo Seiguer; POHL, Eva Carmem Ribas; NOBRE, Chimene Kuhn. *Arte, pré-história e arqueologia no Brasil central*. Santa Maria: LEPA – Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da UFSM – Universidade Federal de Santa Maria, 2006.

NOVAES, Adauto (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

OLIVEIRA, Lizete Dias de. A arte rupestre como signo: uma abordagem semiótica do fenômeno infocomunicacional. FUMDHAMentos IX: Global Rock Art, *Anais do Congresso Internacional de Arte Rupestre IFRAO*. Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí – Brasil. São Raimundo Nonato, 2010.

PESSIS, Anne-Marie. *Imagens da Pré-História*. Parque Nacional Serra da Capivara. São Raimundo Nonato: FUMDHAM/Petrobrás, 2003.

ROCHA, Patrícia. *Mulheres vistas sob todas as formas: a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado*. Belo Horizonte: Leitura, 2009.

ROUANET, Sérgio Paulo. O homem máquina hoje. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Ailton da Silva. Os homens, as mulheres e os outros: reflexões sobre a construção da masculinidade e a feminilidade nos corpos. In: *Seminário Enlaçando Sexualidades. Caderno de resumos do II Seminário Enlaçando Sexualidades*. Salvador: EDUNEB, 2011.

SANTOS, Patrícia Nogueira Caldas. A influência dos modelos corporais contemporâneos na subjetivação do corpo: um estudo teórico. In: *Seminário Enlaçando Sexualidades. Caderno de resumos do II Seminário Enlaçando Sexualidades*. Salvador: EDUNEB, 2011.

VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma. *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 2011.

Recebido em janeiro de 2011; aprovado em maio de 2011.